

Universidade Federal de Uberlândia

Vinicius Vilela Limirio

Terapia do Esquema no Brasil: uma revisão de literatura

Uberlândia

2021

Vinicius Vilela Limirio

Terapia do Esquema no Brasil: uma revisão de literatura

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Alexandre Vianna Montagnero

Uberlândia

2021

Vinicius Vilela Limirio

Terapia do Esquema no Brasil: uma revisão de literatura

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Alexandre Vianna Montagnero

Banca examinadora

Uberlândia, 05 de novembro, 2021.

Prof. Dr. Alexandre Vianna Montagnero (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia MG

Prof. Dr. Leonardo Gomes Bernardino (Examinador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia MG

Profa. Dra. Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia MG

Uberlândia
2021

Resumo

A Terapia do Esquema foi criada em 1990 por Jeffrey Young para tratar pacientes com transtornos de personalidade ou transtornos mais severos e arraigados, casos clínicos onde a Terapia Cognitiva se demonstrava ineficaz. O objetivo deste estudo é, agrupar, sintetizar e mapear a produção nacional científica sobre a Terapia do Esquema nos últimos cinco anos através de uma revisão de literatura integrativa. A localização das referências se deu na Scielo Brasil, CAPES e PePSIC. Para ser elegível as pesquisas precisavam estar em formato de artigo científico, terem sido publicadas em periódicos nacionais, em língua portuguesa, e dentre os anos de 2016 a 2021. Foram encontradas 20 publicações que corresponderam aos critérios de seleção, que foram analisadas a partir de 9 categorias estabelecidas: periódico, ano de publicação, amostra, instrumentos, localidade da pesquisa, tratamento dos dados, objetivos e principais resultados. Foi observado que a maioria das pesquisas se concentraram no mesmo periódico, a “Revista Brasileira de Terapias Cognitivas”, sendo o maior pico de pesquisas em 2018, nos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, as amostragens variaram de 1 a 525, a maioria das pesquisas eram quantitativas, o instrumento mais utilizado foi o Inventário de Esquemas de Young e houve uma grande variedade de objetivos e resultados dentre os 20 artigos, entretanto aparece com maior destaque objetivos e resultados de correlações entre esquemas iniciais desadaptativos e a temática estudada pelos artigos analisados.

Palavras-chave: terapia do esquema, revisão integrativa, terapia focada em esquemas

Abstract

Schema Therapy was created in 1990 by Jeffrey Young to treat patients with personality disorders or more severe and entrenched disorders, clinical cases where Cognitive Therapy proved ineffective. The aim of this study is to group, synthesize and map the national scientific production on Schema Therapy in the last five years through an integrative literature review. References were located at Scielo Brasil, CAPES and PePSIC. To be eligible, the research needed to be in the form of a scientific article, have been published in national journals, in Portuguese, and between the years 2016 to 2021. Twenty publications were found that matched the selection criteria, which were analyzed from 9 established categories: periodical, year of publication, sample, instruments, research location, data treatment, objectives and main results. It was observed that most research was concentrated in the same journal, the "Revista Brasileira de Terapias Cognitivas", with the highest peak of research in 2018, in the states of Minas Gerais and Rio Grande do Sul, with samples ranging from 1 to 525, most of the researches were quantitative, the most used instrument was the Young Schemas Inventory and there was a great variety of objectives and results among the 20 articles, however, the objectives and results of correlations between Early maladaptive schemas and the studied theme are highlighted by the articles analyzed.

Keywords: schema therapy, integrative review, schema-focused therapy

Lista de abreviaturas e siglas

CADRI	Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência
DE	Domínios Esquemáticos
EAD	Escala de Ajustamento Diádico
EADS	Escala de Ansiedade, Depressão e Stress
EID	Esquema Inicial Desadaptativo
EMRI	Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal
EVB	Escala de Vitimização de Bullying
FBQ	Family Background Questionnaire
IEVII	Inventário de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância
IHSE-Pais	Inventário de Habilidades Sociais Educativas - Pais
QEA	Questionário de Esquemas para Adolescentes
RBTC	Revista Brasileira de Terapias Cognitivas
SCL-90-R	Escala de Avaliação dos Sintomas
SMI	Schema Mode Inventory
TE	Terapia do Esquema
YCI	Young Compensation Inventory
YRAI	Young-Rygh Avoidance Inventory
YSQ- S2	Young Schema Questionnaire – Versão reduzida de 75 itens
YSQ-S3	Young Schema Questionnaire – Versão reduzida de 90 itens

Sumário

1 Introdução.....	8
1.2 Objetivos	12
2 Método.....	13
3 Resultado.....	14
4 Discussão	22
5 Considerações finais.....	27
Referências	29
Apêndice A.....	33
Apêndice B	35

1 Introdução

A Terapia do Esquema ou Terapia focada em Esquemas (TE) foi fundada por Jeffrey Young, que foi inicialmente um terapeuta cognitivo, que veio a completar seu pós-doutorado no Centro de Terapia Cognitiva sob a orientação de Aaron Beck. Suas pesquisas com Aaron Beck auxiliaram Young ao oferecerem ferramentas cognitivas que são identificadas e utilizadas dentro da TE. Assim, portanto, Young desenvolve a TE em 1990 com a publicação de seu primeiro livro (Callegaro, 2005).

É importante destacar que a para uma terapia ser considerada uma Terapia Cognitiva ou Terapia Cognitivo-comportamental, segundo Knapp e Beck (2008) é necessário que haja três características fundamentais:

“The first is the mediational role of cognition, which asserts that there is always a cognitive processing and appraisal of internal and external events that can affect the response to those events; the second one, states that cognitive activity may be monitored, assessed and measured; and the third, that behavior change may be mediated by these cognitive appraisals, and may be, thus, an indirect sign of cognitive change.” (Knapp & Beck, 2008, p. 56).

Ou seja, é a ideia de base que a atividade cognitiva influencia o humor e o comportamento, assim como ela pode ser alterada e que novos comportamentos podem ser alcançados através da mudança cognitiva. Conforme destacado no artigo de Diaz e Murguia (2015), a base das terapias cognitivos comportamentais tem uma forte influência filosófica do estoicismo em especial de Epictetus, que entendia que o que perturba o ser humano não são os fatos, mas a interpretação que as pessoas fazem dos fatos.

A TE, segundo Young (2003), tem o seu foco inicial para o tratamento de transtornos da personalidade e representa uma evolução do modelo cognitivo de Aaron Beck (apesar de seguir a mesma base), são destacados outros conceitos e níveis aprofundados de cognição, sendo o principal deles o denominado Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).

Para além de seu foco inicial em transtornos de personalidade, Young (2003) entendia que a TC de Aaron Beck possuía alguns pressupostos que não funcionavam muito bem para alguns pacientes, sendo esses geralmente com transtornos de personalidade ou pacientes mais difíceis de responder a terapia no contexto clínico.

O primeiro desses pressupostos é o que os pacientes conseguiriam cooperar em um empirismo colaborativo com o terapeuta, que segundo as conclusões de Young, nem sempre era possível esse tipo de engajamento. O segundo problema era a suposição da Terapia Cognitiva que seria possível acessar sentimentos e pensamentos através de treino prévio.

Muitos pacientes não conseguiam ter esse acesso. O terceiro problema era a respeito da compreensão que através da aliança terapêutica seria possível estabelecer os problemas e metas terapêuticas. E por fim o último ponto diz a respeito do pressuposto que os pacientes estariam motivados para a mudança a partir da realização de técnicas, estratégias e afins. (Young, 2003)

Portanto, com o objetivo de superar as limitações destacas anteriormente, Young e seus colaboradores sistematizaram a TE para responder melhor a esses pacientes e superar algumas limitações da TC tradicional. (Cazassa & Oliveira, 2008)

Os EIDs, sendo um dos principais conceitos da TE, são definidos por Young da seguinte maneira: “Os esquemas desadaptativos remotos são padrões emocionais e cognitivos auto derrotista iniciados em nosso desenvolvimento desde cedo e repetidos ao longo da vida” (Young et al., 2008, p. 22).

Os EIDS são categorizados dentro de cinco domínios esquemáticos (DE), que são categorias correspondente as necessidades básicas não atendidas na infância/adolescência, que a partir da teoria, é a causa dos esquemas. Ou seja, os estilos parentais são muito importantes para a formação de esquemas adaptativos ou esquemas desadaptativos, sendo que crianças que possuem suas necessidades básicas atendidas, tendo experiências satisfatórias de apego, carinho e segurança por parte dos seus cuidadores, geralmente tendem a serem mais propensas a desenvolverem esquemas adaptativos ao lugar de EIDs. De acordo com Young et al. (2008), os cinco DE da TE são:

O primeiro DE recebe o nome de “Desconexão e rejeição”. Pessoas com esquemas desadaptativos ativos dentro desse DE tem problemas principalmente nos seus vínculos e relações interpessoais. A razão para isso é o fato desse DE estar associado com a ausência da necessidade básica de vínculos seguros com outros indivíduos, incluindo segurança, estabilidade, cuidado e aceitação. Os EIDs pertencentes a esse DE são: abandono, desconfiança, privação emocional, defectividade e isolamento social.

O segundo DE é o de “Autonomia e desempenho prejudicados”. Indivíduos com EIDs ativos dentro desse DE possuem como substância de seus problemas a esfera da independência. A necessidade básica não atendida que está vinculada a esse DE é a necessidade de autonomia, competência e sentido de identidade. E, portanto, todos os esquemas nesse DE de uma forma mais direta ou indireta vão implicar em problemas de dependência para com os outros. Pertencem a esse DE os esquemas de dependência, vulnerabilidade a dano ou à doença, emaranhamento e fracasso.

O terceiro DE é o designado de “Limites prejudicados”. A palavra chave para resumir esse DE é a ausência de limites internos adequados. A necessidade básica não atendida na

infância/adolescência é a de limites realistas e autocontrole. Portanto, pessoas com EIDs nesse DE podem agir de forma irresponsável, extrapolando os limites das leis por exemplo, ou serem egoístas ou narcisistas não respeitando o limite das pessoas que a rodeia, assim como também podem ter problemas com objetivos a longo prazo por terem problemas de autocontrole e indisciplina. Há apenas dois EIDs nesse DE: arrego/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes.

O quarto DE é denominado “Direcionamento para o outro”. A característica central desse DE são pessoas direcionadas a cumprir excessivamente os desejos e necessidades alheios, negligenciando as próprias necessidades e colocando-as em um segundo plano. As necessidades básicas emocionais não atendidas desses indivíduos é a necessidade de liberdade de expressão e necessidade de emoções válidas. A partir da carência dessas necessidades, acabam não tendo consciência das próprias inclinações e sendo pessoas muito voltadas as necessidades de terceiros. Os EIDs que constituem esse DE são: subjugação, auto-sacrifício e busca de aprovação/busca de reconhecimento.

O quinto DE é intitulado “Supervigilância e inibição”. A temática principal dos esquemas dentro desse DE é a existência de regras rígidas internalizadas sobre vários possíveis aspectos da vida, podendo variar de preceitos éticos a até regras sobre “como algo deveria funcionar”, sendo bastante presente a supressão dos próprios sentimentos e detrimento de outras áreas da vida, como relacionamento interpessoais, felicidade ou saúde. A necessidade emocional não atendida que possui relação direta com esse DE é a necessidade de Espontaneidade e lazer, e, portanto, como destacado anteriormente, esses indivíduos muitas vezes vão abrir mão de felicidade, prazer ou até saúde devido a essa necessidade básica não atendida. Os EIDs presentes nesse DE são: negativismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e postura punitiva.

É imprescindível, ao falar de TE, que apesar do modelo clássico de cinco DE (Young et al., 2008) ser o de maior notabilidade e maior presença na maioria dos artigos, esse não é o único modelo existente. Na realidade, esse se mostra o modelo mais antigo, visto que em 2012 é destacado no livro “The Wiley-Blackwell handbook of schema therapy: Theory, research, and practice”, no seu primeiro capítulo “A new look at core emotional needs” um modelo de quatro DE pelos autores. Os quatro DE podem ser entendidos como desconexão e rejeição; autonomia e desempenho prejudicados; esforços extremos e limites prejudicados. (Lockwood & Perris, 2012).

É importante ressaltar, que além do modelo destacado anteriormente, a pouco tempo em 2018 é proposto outro modelo de DE diferente dos dois anteriores, de quatro DE igualmente ao

de 2012. Bach et al. (2018) discutem em seu artigo que um modelo de quatro DE é mais adequado a níveis de estrutura empírica e coerência teórica, sendo os 4 DE propostos podendo ser entendidos como “Desconexão e rejeição”; “Autonomia e desempenho prejudicados”; “Padrões e responsabilidade excessiva” e “Limites prejudicados”.

Portanto, é possível observar que há controversas principalmente a respeito dos dois últimos DE do modelo inicial da TE, e não de todos os DE. De acordo com os autores, o modelo de 4 DE possui uma melhor interpretabilidade dos dados e índices empíricos mais robustos, e, portanto, a nível psicométrico ele demonstra-se mais adequado. (Young et al, 2018).

A fim de contextualizar de maneira geral a teoria de Young, é primordial apontar dois conceitos importantes da TE: os estilos de enfrentamento e os modos de esquema.

Os estilos de enfrentamento são formas de perpetuar o esquema e correspondem a hipercompensação, evitação e resignação. A evitação o indivíduo evita todo tipo de informação que vá na direção oposta do esquema, assim “fugindo” do esquema e o mantendo. A hipercompensação a pessoa age como se o oposto do esquema fosse verdadeiro, assim “lutando” contra o esquema, mas mesmo a pessoa indo na direção oposta do esquema essa atitude não “cura o esquema” e, portanto, em alguma situação potencialmente ativadora o esquema vem à tona e o sujeito não está preparado para lidar com ele. Por fim, a resignação corresponde a pessoa agir “aceitando o esquema”, adotando assim comportamentos e pensamentos de forma que confirmem seus esquemas e assim, perpetuando-os (Wainer et al, 2016). Por exemplo no esquema de “fracasso”, a resignação pode ser entendida enquanto o comportamento de fazer as tarefas de maneira descabida, a evitação como o comportamento de evitar desafios e procrastinar, e por fim a hipercompensação o comportamento de estimular-se de maneira contínua e exaustivamente buscando sucesso profissional. (Bach et al., 2018)

De acordo com Wainer et al., (2016) os modos de esquema correspondem ao estado de funcionar de uma pessoa em um determinado momento, que inclui a combinação de seus esquemas e seus modos de enfrentamento. Os dez principais modos de esquemas são: criança vulnerável, criança zangada, criança impulsiva, criança feliz, pai/mãe punitivo-crítico, pai/mãe exigente, capitulador complacente, protetor desligado, hipercompensador e adulto saudável. De maneira resumida o modo criança vulnerável se caracteriza por vivenciar sentimentos de desamparo, a criança zangada vivencia sentimentos de raiva, a criança impulsiva age de maneira a suprir desejos imediatos, e a criança feliz tem experiências de satisfação, conexão e amor. O pai/mãe punitivo se caracteriza pela crítica e punição e o pai/mãe exigente por exigência de altas expectativas e responsabilidades. O modo capitulador complacente age de maneira passiva, obediente, o modo protetor desligado age de maneira esquiva e evitativa e o

modo hipercompensador age de maneira controladora e contra-atacando. Por fim, o modo adulto saudável age de maneira a identificar suas necessidades e vulnerabilidades e age afim de suprir essas necessidades de maneira adaptativa.

A TE, apesar de ser uma teoria bastante recente, de acordo com Jacob e Arntz (2013) é uma forma de terapia com evidências científicas modestas. Em seu artigo, os autores ao discutirem a respeito da eficácia e da efetividade da TE em relação a uma metanálise da teoria, chegaram à conclusão que a mesma possui uma quantidade modesta de estudos mesmo sendo bastante recente, principalmente em relação ao Transtorno de personalidade Borderline. Um dos estudos mais notáveis a respeito de sua eficácia é o estudo de Giesen-Bloo et al. (2006), no qual foi comparado a TE com a terapia psicodinâmica em relação a efetividade de ambas no Transtorno de personalidade Borderline durante três anos sendo realizadas duas sessões semanais em uma amostra de 42 pessoas na TE e 44 na terapia psicodinâmica sendo feito um estudo clínico randomizado controlado, portanto a amostra foi realizada de maneira randômica. Os resultados concluíram que a TE é efetiva para o Transtorno de personalidade Borderline e é mais eficiente que a terapia psicodinâmica em todas medidas.

De acordo com Callegaro (2005), a TE é relativamente recente e ainda pouco disseminada no Brasil, com poucas pesquisas e estudos publicados na área. Sendo assim, esses dados evidenciam a importância e justificativa de ser realizada essa pesquisa assim como outras pesquisas dentro da TE no Brasil, sendo o objetivo desse estudo em específico o de mapear a produção nacional científica sobre a TE nos últimos cinco anos.

1.2 Objetivos

A pesquisa tem como objetivo fazer uma revisão de literatura integrativa sobre a TE. De acordo com Souza et al. (2010), a revisão integrativa é a abordagem metodológica referente às revisões mais vasta existente, permitindo a inclusão de estudos experimentais, quase-experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. A revisão integrativa combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos. Portanto, considerando os objetivos dessa pesquisa, uma revisão integrativa se mostra a abordagem mais adequada.

O objetivo dessa pesquisa são, através de uma revisão de literatura integrativa, agrupar, sintetizar e mapear a produção nacional científica sobre o que é atualmente descrito na literatura nacional sobre TE nos últimos cinco anos, visando compreender o que vem sendo publicado na área em questão.

2 Método

Tendo em vista o objetivo da pesquisa em agrupar, sintetizar e mapear a produção nacional científica sobre a TE no Brasil, essa pesquisa busca responder as seguintes dez questões problemas:

1. Quantos artigos científicos foram publicados dentro da TE no Brasil nos últimos 5 anos?
2. Qual o tema e/ou amostra populacional mais abrangente e menos abrangente que foram realizadas pesquisas?
3. Quais periódicos mais publicam na área de TE?
4. Qual a cronologia dessas publicações?
5. Qual a variedade do número amostral utilizado nas pesquisas?
6. Quais os instrumentos utilizados nas pesquisas?
7. Quais foram os objetivos das pesquisas?
8. Quais foram os tipos de tratamento de dados utilizados?
9. Quais as principais discussões sobre os resultados?
10. Quais foram os principais locais do Brasil onde as pesquisas foram desenvolvidas?

Estratégias de localização dos artigos

A localização das referências se deu nas seguintes plataformas: Biblioteca Eletrônica Científica Online (Scientific Electronic Library Online, SciELO Brasil); Portal de Periódicos CAPES e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC).

As buscas foram realizadas buscando individualmente as seguintes palavras-chaves: Terapia do Esquema; Esquemas e Esquemas Iniciais Desadaptativos. As palavras-chaves também foram pesquisadas de maneira combinada, combinando 2 e 3 palavras-chaves em relação ao campo de busca “todos os índices”, “assunto”, “resumo” e “palavras do título” utilizando o operador lógico “or” entre as múltiplas palavras-chaves.

Estratégias de seleção dos artigos

As referências encontradas foram cruzadas de forma a localizar possíveis publicações duplicadas entre as bases de dados e eliminá-las, assim como igualmente foram examinadas afim de eliminar duplicidades, realizando inicialmente uma leitura dos resumos e os

relacionando com a temática desta revisão e posteriormente foram lidos na íntegra e por fim virem a ser analisados.

Os critérios de inclusão foram:

1. Pesquisa estar em formato de um artigo científico.
2. Pesquisa estar publicada em um periódico brasileiro e língua portuguesa
3. Pesquisa estar relacionada com a temática da TE.
4. Pesquisa ter sido realizado nos últimos 5 anos, entre o período de 2016 até 2021.

Os critérios de exclusão foram:

1. Pesquisa não estar em formato de um artigo científico.
2. Pesquisa estar publicada em periódicos estrangeiros ou idiomas estrangeiros.
3. Pesquisa não tratar de alguma forma a TE.
4. Pesquisa estar publicado em anos anteriores a 2016.

Estratégias de avaliação das referências

A partir dos resultados encontrados, foi feita uma planilha organizando as informações de identificação dos artigos: título da pesquisa, nome dos autores, palavras-chave e referência. Em seguida, as pesquisas foram avaliadas a partir de 8 categorias estabelecidas a seguir: periódicos, ano de Publicação, amostra, instrumentos, localidade da Pesquisa, tratamento dos dados, objetivos e principais resultados.

3 Resultados

Foram encontradas 20 publicações entre os anos de 2016 a 2021 que corresponderam aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa e fazem parte do corpo da análise da pesquisa. As pesquisas em questão são: Barbosa et al. (2019), Berlitz e Pureza (2018), Bohn et al. (2018), Borges e Dell'Aglio (2020), Borges et al. (2018), Camargos, Lopes et al. (2020), Camargos, Montagnero et al. (2020), Camilo et al. (2018), Cardoso et al. (2019), Gusmão et al. (2017), Jager e Macedo (2018), Mansano e Szupzynski (2020), Matos e Lopes (2017), Matos et al. (2018), Matos et al. (2020), Pressi e Falcke (2016), Santos et al. (2021), Silva e Laport (2019), Squefi e Andretta (2016) e Vargas e Pureza (2019).

As referências dos 20 artigos que fizeram parte do corpo de análise desse estudo estão acompanhados de um asterisco (*) para melhor localiza-los, assim como no apêndice B pode ser encontrado uma lista de referência contendo apenas as pesquisas que foram analisadas no

levantamento bibliográfico dessa pesquisa, enumeradas entre parênteses na mesma ordem que estão listados nas referências e na tabela do apêndice A.

A seguir será apresentado a avaliação dos artigos que fazem parte do corpo de análise da pesquisa, a partir das nove categorias estabelecidas. Na página de apêndices é possível encontrar uma tabela referente a uma síntese de todos resultados obtidos a partir das oito categorias estabelecidas. E, portanto, para melhor contemplar uma síntese dos resultados de maneira visual, recomenda-se consultar a página de apêndices e consultar o Apêndice A – Planilha completa dos resultados.

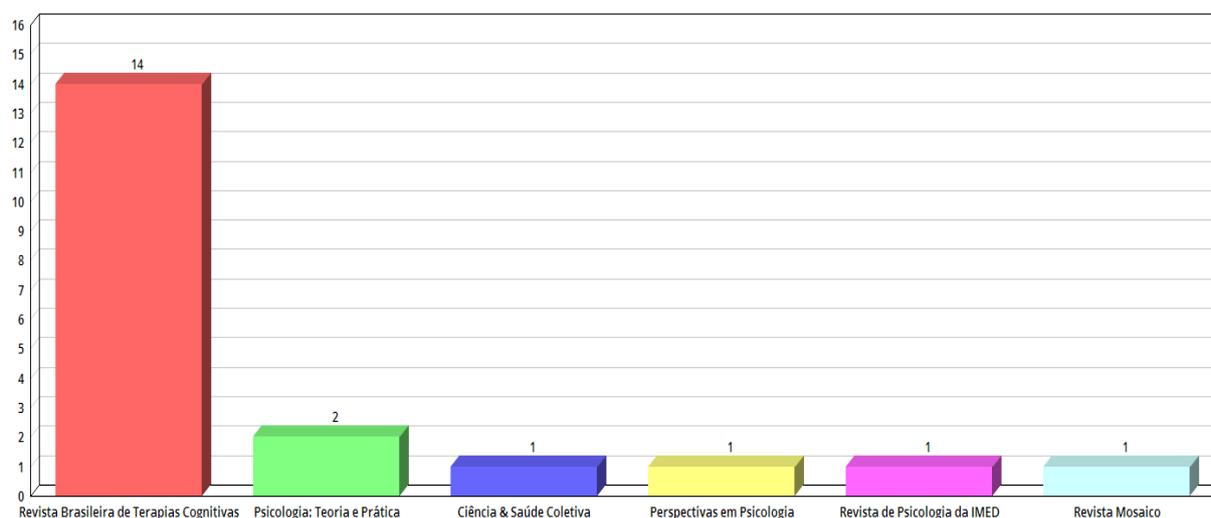
Periódicos

Os artigos foram encontrados em 6 periódicos diferentes: Ciência & Saúde Coletiva, Perspectivas em Psicologia, Psicologia: Teoria e Prática, Revista Brasileira de Terapias Cognitivas (RBTC), Revista de Psicologia da IMED e Revista Mosaico.

O periódico que mais publicou foi a RBTC, que comporta quatorze artigos do corpo de análise total. O periódico “Psicologia: Teoria e Prática” comporta dois artigos do corpo de análise total. E por fim, foram encontradas apenas um artigo em cada revista respectivamente, dos seguintes periódicos: “Ciência & Saúde Coletiva”, “Perspectivas em Psicologia”, “Revista de Psicologia da IMED” e “Revista Mosaico, conforme dados podem ser observado na figura 1.

Figura 1

Distribuição de publicações por revista

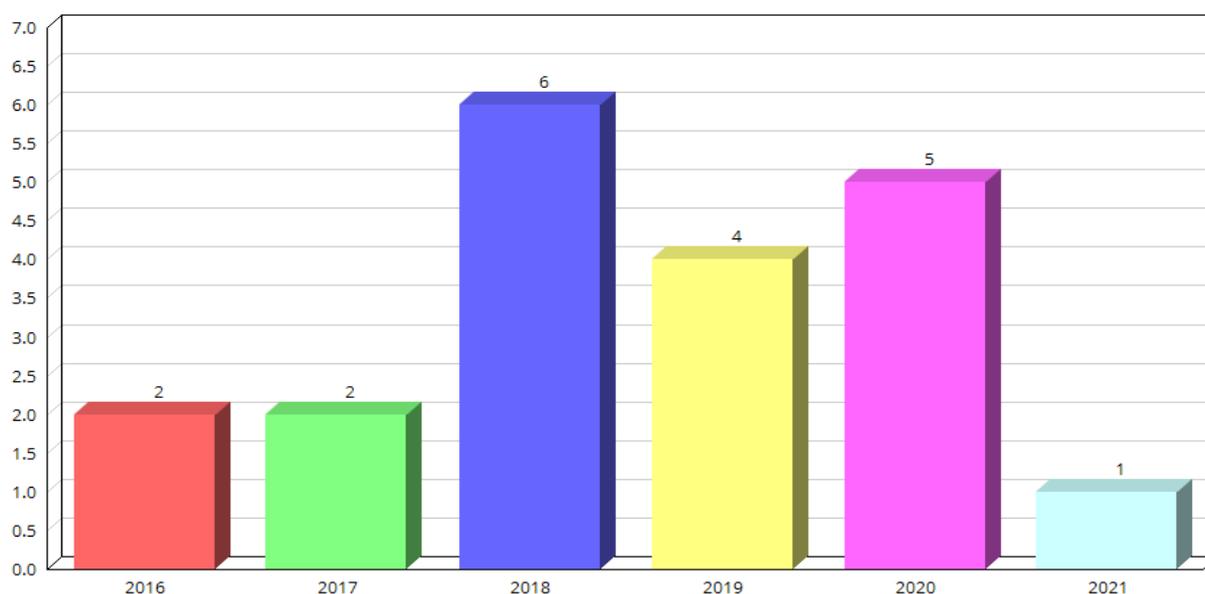


Ano de publicação

Em relação aos anos que foram publicados os artigos, pode-se observar que devido ao recorte da pesquisa dos últimos cinco anos, as pesquisas encontram-se entre os anos de 2016 a 2021. O ano com maior quantidade de publicações foi 2018 e o ano com menor quantidade de publicações foi 2021. Os dados podem ser resumidos na figura 2.

Figura 2

Distribuição de pesquisas por ano

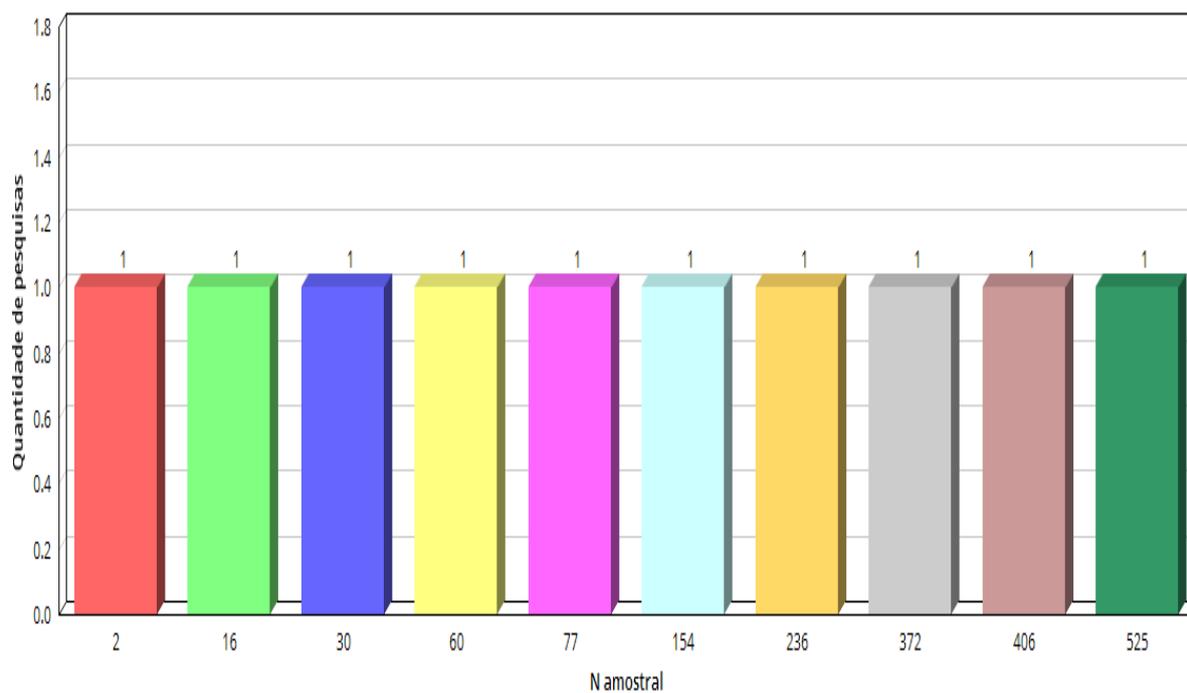


Amostra

A respeito da dimensão de análise de amostragem das pesquisas, podemos observar que dentre os 20 artigos, existem 10 artigos teóricos (levantamento bibliográfico, análise de protocolos, validação e adaptação de instrumentos, estudo de caso) e 10 artigos foram de pesquisas empíricas. Foram analisados na categoria de amostra apenas as pesquisas com procedimentos empíricos, cuja amostra era composta por pessoas. As pesquisas teóricas que utilizaram como método de análise qualquer fonte que não tenha sido seres humanas não foram incluídas nessa categoria, assim como as pesquisas que não utilizaram procedimentos estatísticos. Dentre as 10 pesquisas analisadas, a amostra variou de 2 a 525 participantes, sendo que cada uma das pesquisas tiveram um número amostral diferente. Os dados podem ser resumidos na figura 3.

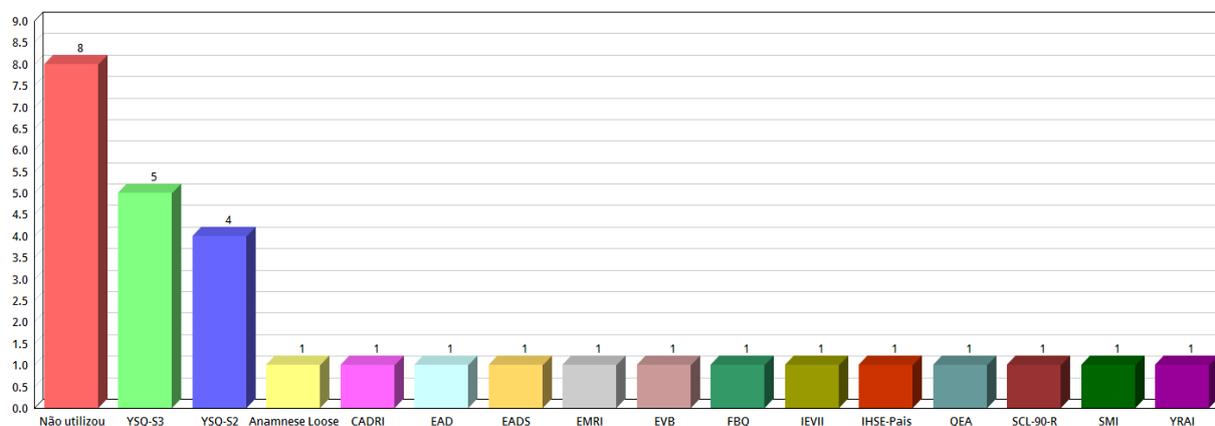
Figura 3

Distribuição de números de amostragem utilizados nas pesquisas



Instrumentos

Dentre os 20 artigos que compuseram a amostragem da pesquisa, foram encontrados 15 instrumentos diferentes utilizados nas pesquisas, sendo que 8 não fizeram uso de instrumentos e 12 fizeram. O instrumento mais utilizado foi o Questionário de Esquemas de Young – Versão reduzida de 90 itens (YSQ-S3), aparecendo 5 vezes em seguida do Questionário de Esquemas de Young – Versão reduzida de 75 itens (YSQ-S2), com 4 aparições. Os seguintes instrumentos foram utilizados apenas uma vez: Anamnese de Loose; Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI); Escala de Ajustamento Diádico (EAD); Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS); Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI); Escala de Vitimização de Bullying (EVB); Family Background Questionnaire (FBQ); Inventário de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância (IEVII); Inventário de Habilidades Sociais Educativas – Pais (IHSE-Pais); Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA); Escala de Avaliação dos Sintomas (SCL-90-R); Schema Mode Inventory (SMI) e Young-Rygh Avoidance Inventory (YRAI). Os dados podem ser resumidos na figura 4.

Figura 4*Distribuição de instrumentos utilizados***Localidade da Pesquisa**

Em relação a localidade que foram realizadas as pesquisas, foram realizadas pesquisas em 11 cidades diferentes e 7 estados. Uberlândia/MG foi a cidade que mais produziu pesquisas, sendo feitas 7 pesquisas, em seguida de Porto Alegre/RS, sendo feitas 3 pesquisas, e Novo Hamburgo/SP, sendo feitas duas pesquisas. As demais cidades e estados foram realizadas apenas 1 pesquisa, respectivamente. Os dados podem ser resumidos na figura 5 e 6.

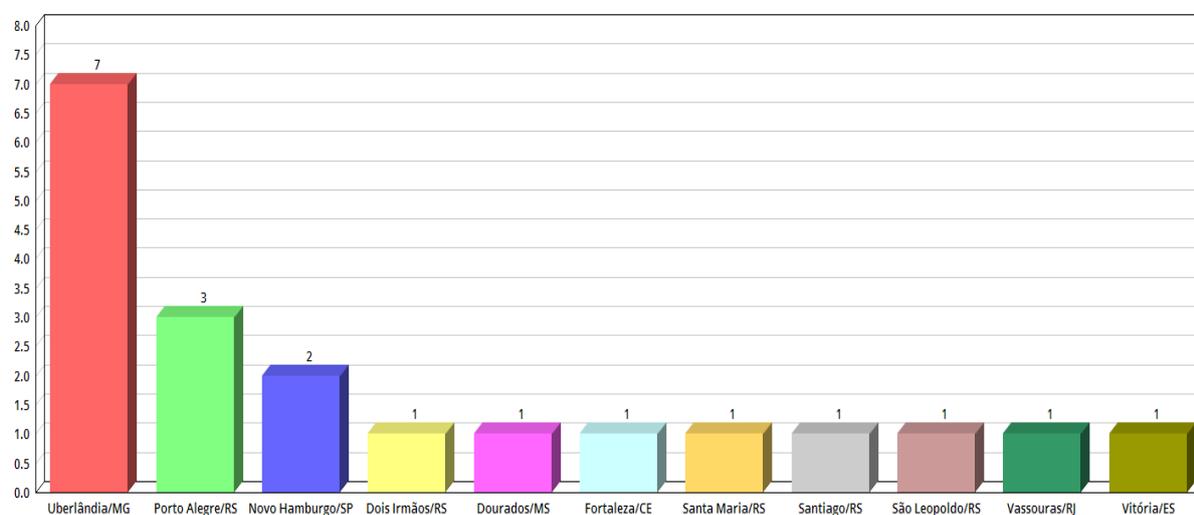
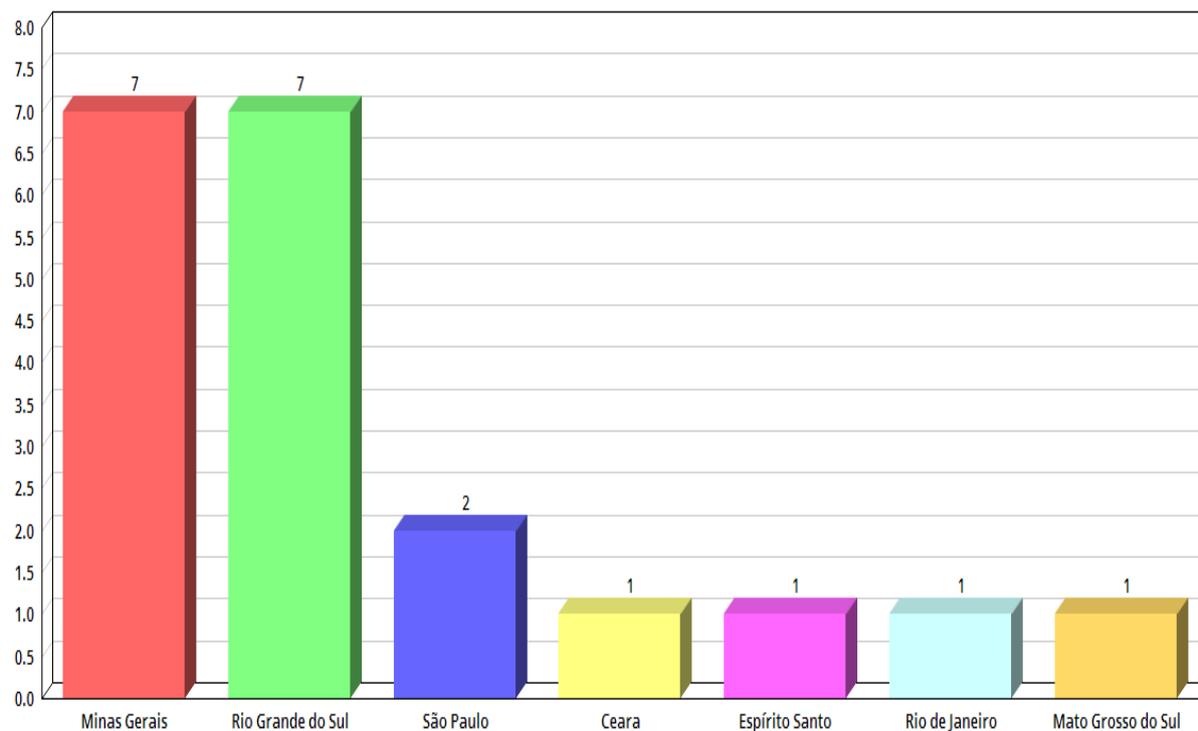
Figura 5*Distribuição de localidade das pesquisas por cidades*

Figura 6

Distribuição de localidade das pesquisas por estado



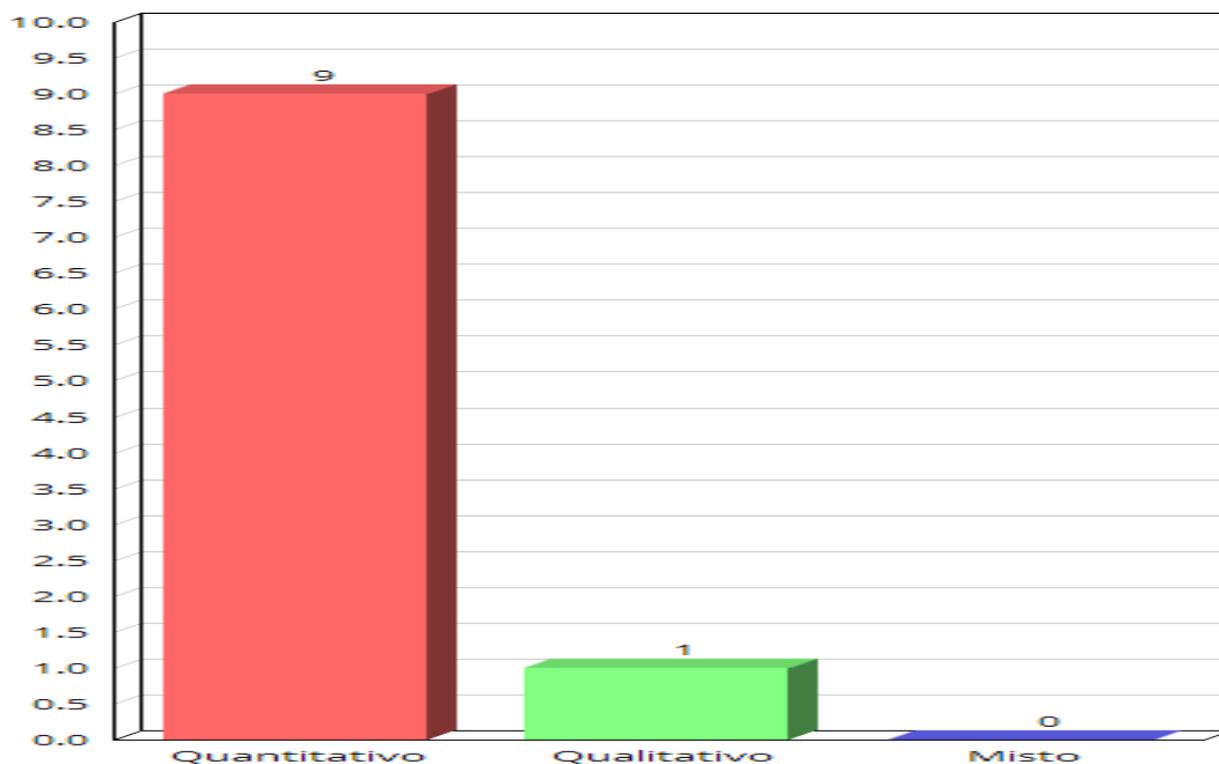
Tratamento dos dados

É possível observar que há 10 pesquisas teóricas e 10 pesquisas empíricas, conforme citado na categoria de amostra, sendo analisando na categoria de tratamento de dados apenas as pesquisas empíricas que tenham utilizado como amostragem seres humanos.

Dentre as 10 pesquisas que comportam o corpo de análise dessa pesquisa, a maioria utilizou tratamento de dados quantitativo, com um total de 9 pesquisas quantitativas, apenas uma pesquisa qualitativa e nenhuma pesquisa mista. As pesquisas quantitativas são entendidas como pesquisas que trabalham com variáveis expressas sob a forma de dados numéricos, enquanto as qualitativas buscam o entendimento de fenômenos mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas e por fim as pesquisas mistas são pesquisas que misturam os procedimentos qualitativos e quantitativos, como por exemplo usar inventários e fazer entrevista na pesquisa (Fontelles et al., 2009). Os dados podem ser resumidos na figura 7 abaixo.

Figura 7

Distribuição de pesquisas por tratamento de dados



Objetivos e principais resultados

Os objetivos das pesquisas analisadas assim como seus principais resultados foram muito diversos, muitos artigos se interessaram por fazer correlações entre EIDs e alguma temática de estudo, outros realizaram validação e tradução de instrumentos para o Brasil, dentre outros. Uma síntese das categorias de análise de objetivos e resultados podem ser encontradas na tabela 1, adiante.

Tabela 1

Objetivos e principais resultados das pesquisas analisadas

N	Autores	Objetivos	Resultados
1	Barbosa et al.	Identificar os DE e tipos de violência sofrida entre mulheres em situação de violência que buscaram atendimento em uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), localizada em Santa Maria	Os DE Supervigilância/inibição e Desconexão/rejeição tiveram os dois maiores escores.

2	Berlitz e Pureza	Investigar se há relação entre os esquemas iniciais desadaptativos e a empatia em estudantes universitários	Os resultados obtidos apresentaram 22 correlações entre esquemas iniciais desadaptativos e construtos da empatia, indicando que há relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos.
3	Bohn et al.	Investigar a busca de tratamento clínico associada ao sofrimento na relação conjugal sob a ótica da Teripa do Esquema.	Os resultados da análise de conteúdo indicaram a formação de seis categorias: insegurança no vínculo conjugal, dependência associada ao relacionamento conjugal, subjugação, transgeracionalidade, dúvidas sobre a relação conjugal e violência conjugal.
4	Borges e Dell'Aglio	Investigar a associação entre os EIDs e a perpetração de violência física no namoro em adolescentes.	Os EIDs do DE de Desconexão e Rejeição foram considerados mediadores entre a exposição aos maus tratos e a violência no namoro na adolescência, sendo que este modelo se mostrou mais adequado ao sexo feminino.
5	Borges et al	Aprofundar os conhecimentos sobre o fenômeno bullying em universitários e a sua relação com os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).	Indicaram correlações positivas entre bullying e os EIDs nos diferentes cursos pesquisados, com exceção da Pedagogia. Conclui-se que o bullying em interação com aspectos da personalidade (EIDs), pode aumentar o sofrimento psíquico do indivíduo, ou mesmo desencadear possíveis quadros psicopatológicos, como ansiedade e depressão.
6	Camargos, Lopes et al.	Descrever o tratamento, baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente (TCCM), de uma adolescente de 13 anos diagnosticada com Anorexia Nervosa.	As técnicas da Terapia Cognitivo- Comportamental Clássica não obtiveram sucesso satisfatório, em parte devido a seu cunho de raciocínio lógico-abstrato, que parece ter gerado desmotivação. Dessa forma, a Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente se mostra um instrumento importante e adequado para o tratamento de transtorno psicológico, sobretudo o transtorno alimentar.
7	Camargos, Montagnero et al.	Avaliar os EIDs predominantes em pacientes bariátricos, incluindo aqueles indicados a passar pelo procedimento e os que já o realizaram.	O EID que apresentou maior pontuação média foi o autossacrifício (X=4,72), enquanto a menor pontuação foi no esquema de defectividade/vergonha (X=1,6).
8	Camilo et al.	Propor um modelo psicoterápico em grupo para crianças com diagnóstico de transtornos disruptivos na abordagem da Terapia Cognitiva Focada no Esquema (TCFE).	O protocolo descrito sugere uma intervenção em grupo para crianças com transtornos disruptivos, cuja duração pode variar de 31 a 36 sessões, organizado em 5 estágios e três fases, tendo atividades previamente definidas para alcançar os objetivos esperados em cada um.
9	Cardoso et al.	Verificar se há relação entre os EIDs e o transtorno por uso de álcool	Os esquemas de autocontrole/autodisciplina insuficientes, autossacrifício, abandono/instabilidade e padrões inflexíveis foram os que apareceram com mais frequência nos estudos analisados.
10	Gusmão et al.	Identificar quais esquemas desadaptativos contribuem para explicação da condição de apresentar sintomatologia ansiosa ou depressiva	O esquema desadaptativo de Fracasso apresenta maior probabilidade de predizer o pertencimento ao grupo de maior pontuação em ansiedade, ao passo que, para a depressão, além do esquema Fracasso, o esquema Abandono também foi significativo.
11	Jager e Macedo	Objetivo é discutir de que forma o professor, na relação afetiva e no lugar de figura de apego, pode influenciar na construção de esquemas iniciais e modelos de funcionamento interno da criança pré-escolar.	As professoras assumem uma função importante para a mudança de comportamentos na escola a partir da relação afetiva e de apego que desenvolvem com seus alunos, tendo a possibilidade de prevenir a formação dos EIDs.
12	Mansano e Szupzynsk	Verificar os achados relacionados ao tema e compreender quais correlações existem entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos e o consumo de álcool.	Foram encontrados poucos artigos na temática, principalmente no Brasil. Os estudos convergem em diversos pontos, não apenas na análise de Esquemas e as hipotéticas influências que estes possam exercer no consumo de álcool
13	Matos e Lopes	Analisar as características do roteiro de entrevista semi-estruturada (anamnese), elaborada por Loose (2011)	O roteiro permite hipotetizar a presença de EIDs, esquemas geracionais e modos de esquemas tanto nas crianças em seus primeiros anos de vida, como dos pais nesse mesmo período.
14	Matos et al.	Realizar uma revisão de literatura sobre o SMI tendo como enfoque a sua validação e utilização.	Observou-se através da revisão que com o decorrer dos anos, há uma crescente utilização e validação do instrumento em diversos países, ainda não havendo estudos empíricos realizados no Brasil.
15	Matos, Amaral et al.	Realizar a tradução e apresentar as evidências de validade de conteúdo do instrumento Schema Mode Inventory – versão reduzida, iniciando assim sua adaptação cultural	Os resultados indicaram que, considerando o viés semântico, grande parte do instrumento mede o que sugere medir, possuindo então evidências de validade de conteúdo para o contexto brasileiro (CVC: de 0,56 a 0,99; Kappa médio geral: 0,74).
16	Pressi e Falcke	Verificar o poder preditivo das experiências na família de origem na ativação dos esquemas de cada um dos DE.	Os resultados evidenciaram que experiências da família de origem contribuem para a ativação de esquemas de cada DE.
17	Santos et al.	Investigar as evidências de validade da versão adaptada do Inventário de Evitação de Young-Rygh (YRAI) na população do Rio Grande do Sul.	A versão brasileira do YRAI possui propriedades psicométricas adequadas, sendo válida para a população em questão. Além disso, a interpretação da validade de construto mostrou-se condizente, com a teoria
18	Silva e Laport	Reflexões acerca do machismo, considerando sua naturalização e reprodução ao longo do tempo e consequentes impactos na sociedade contemporânea, com base na perspectiva teoria de Aaron Beck e de Jeffrey Young.	Indica-se que o machismo pode ser oriundo de pelo menos um dos esquemas citados na obra de Young sobre o esquema arrego/grandiosidade encontrado no terceiro DE que é referente a crenças de superioridade em relação a outros indivíduos, regras sociais e limites internos.

19	Squefi e Andretta	Identificar se os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) diferem entre pai e mãe.	Os resultados apontam que as mães apresentaram maiores escores nos EIDs de dependência/incompetência, emaranhamento, fracasso e autossacrifício e também se apresentaram mais habilidosas que os pais no fator total das HSE-P, em estabelecer limites e na comunicação com seus filhos.
20	Vargas e Pureza	Estudar a relação entre os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e o ajustamento diádico na conjugalidade.	Os resultados apresentaram 27 correlações entre EIDs e os fatores de EAD. Esses resultados indicam que há relação entre EIDs e o ajustamento diádico.

4 Discussão

Esse estudo buscou criar um panorama geral do que tem sido estudado na TE nos últimos 5 anos, visto que isso é uma lacuna de literatura pois todas pesquisas de levantamento bibliográficas que foram encontradas fazem levantamento sobre temas específicos, como por exemplo revisão de literatura a respeito do SMI (Matos et al., 2018), revisão de literatura a respeito da TE dentro da temática de machismo (Silva & Laport, 2019) dentre outras que podem ser observadas nos resultados dessa pesquisa.

A partir dos resultados desse estudo podemos observar que nos últimos 5 anos foram publicados 20 artigos científicos dentro da abordagem da TE no Brasil, cujas temáticas variaram consideravelmente, sendo poucas pesquisas com temática semelhante, dentre essas podemos citar o transtorno por uso de álcool (Cardoso et al., 2019; Mansano & Szupzynski, 2020) conjugalidade (Barbosa et al., 2019; Bohn et al., 2018; Vargas e Pureza, 2019) e SMI (Matos et al., 2018; Matos et al., 2020), assim como houve também uma grande variedade de número de participantes, de 2 a 525. Cazassa e Oliveira (2008) realizaram um estudo que buscou mapear as pesquisas realizadas acerca da TE sobre o YSQ entre 1998 e 2007, e os resultados indicaram que até aquela data não havia nenhum artigo publicado em língua portuguesa sobre essa temática, e, portanto, podemos supor que esse quadro está mudando, considerando que encontramos 20 artigos nos últimos cinco anos.

Nossos resultados demonstram que o tipo de tratamento de dados mais utilizado nos últimos cinco anos foi o tratamento quantitativo, (9 em 10) e as pesquisas também contaram com o uso de diversos instrumentos, sendo mais presente o YSQ. Constatamos que diversos estudos buscaram correlacionar os EIDs, avaliados pela escala YSQ em alguma temática ou população específica, contudo não encontramos estudos correlacionais usando outras escalas de Young, como por exemplo a escala Young Compensation Inventory (YCI), e a escala de estilos parentais, há apenas um estudo que fez uso do SMI. Acredita-se que tal predominância ocorreu devido ao fato do YSQ ser um instrumento validado no Brasil enquanto outras escalas de Young não foram validadas, além da possibilidade de existir um interesse maior dos

pesquisadores até então na escala YSQ, pois foi a escala que foi desenvolvida por Jeffrey Young quando propôs a TE e começou a realizar pesquisas nesse campo (Wainer et al., 2016).

A respeito das revistas pode-se observar que houve pouca variação e a maioria das publicações estavam concentradas no periódico RBTC. Acredita-se que pelo fato de existirem apenas duas revistas brasileiras com maior ênfase em terapias cognitivas, que são a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva e a RBTC, os pesquisadores possuem maior interesse em publicar na RBTC por ser um periódico com ênfase na área em questão da TE. Em relação a cronologia das publicações, é possível observar que houve uma tendência a um aumento de pesquisas publicadas nos últimos anos, entretanto nos últimos 12 meses houve uma queda e foi o ano com a menor quantidade de artigos publicados, sendo localizados apenas 1 artigo. Tonelli e Zambaldi (2019) discutem em seu artigo a grande possibilidade de uma possível diminuição de submissões de artigos científicos a periódicos nos próximos anos devido a pandemia e as limitações que ela gerou, portanto, o dado de 2021 ter sido o ano com menor quantidade de publicações mesmo com a tendência à um aumento nos últimos anos pode ser compreendido em decorrência da pandemia além de existir um tempo para os artigos serem aprovados e publicados nas revistas, o que pode levar a uma redução dos artigos encontrados visto que essa pesquisa foi realizado antes do fim de 2021.

Os locais e estados com maior número de pesquisas realizadas são Uberlândia/MG e Porto Alegre/RS. Considerando que na cidade de Uberlândia/MG está localizado a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que possui o curso de Psicologia assim como programa de mestrado com linha de pesquisa em processos cognitivos, com pesquisadores que trabalham com TE, e em Porto Alegre/RS, está localizada a Wainer Psicologia Cognitiva, que possui programas de especialização em TE assim como docentes que trabalham, orientam e pesquisam nessa área, é provável que esses dos polos criem mais oportunidades de pesquisas se comparado a locais que não possuem universidades, programas de pós-graduação ou docentes que trabalhem com TE.

A respeito dos objetivos e resultados principais das pesquisas, encontramos 9 pesquisas que buscaram fazer correlações entre EIDs/DE e alguma temática ou amostra populacional fazendo uso do YSQ-S2, YSQ-S3 ou QEA. Os resultados dessas 9 pesquisas encontraram algum tipo de correlação significativa entre as variáveis propostas e os EIDs. (Barbosa et al., 2019; Berlitz e Pureza, 2018; Borges & Dell'Aglio, 2020; Borges et al., 2018; Camargos, Montagnero et al., 2020; Gusmão et al., 2017; Pressi & Falcke, 2016; Santos et al., 2021; Squefi & Andretta, 2016; Vargas & Pureza, 2019).

Dentre essas pesquisas correlacionais, podemos discutir a pesquisa de Barbosa et al. (2019) que buscou identificar DE e tipos de violência sofrida em um grupo 16 mulheres em situação de violência conjugal atendidas no Plantão Psicológico de uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher, localizada no Rio Grande do Sul, que responderam ao Inventário de Esquemas de Young (YSQ-S3). Os autores identificaram que mulheres em situação de violência conjugal apresentam maiores escores em EIDs dos DE de Supervigilância/inibição e Desconexão/rejeição. Resultados semelhantes foram encontrados por Algarves (2018), que realizaram um estudo analisando os EIDs mais presentes de mulheres vítimas de violência por parceiros íntimos. Os resultados da pesquisa de Algarves (2018) indicam um nível elevado de ativação dos EIDs de abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, vulnerabilidade ao dano/doença, autossacrifício negatividade/pessimismo e inibição emocional. Ou seja, a pesquisa de Algarves (2018) indica resultados na mesma direção da pesquisa que estamos discutindo de Barbosa et al. (2019), afinal, exceto os EIDs de vulnerabilidade ao dano/doença e autossacrifício, todos os outros principais EIDs encontrados por Algarves (2018) estão localizados dentro dos D.E cujos resultados são indicados por Barbosa et al. (2019). Assim podemos perceber que isso pode indicar certa correlação entre os esses DE e EIDs de mulheres vítimas de violência por parceiros. Definindo um EID como um padrão de funcionamento disfuncional do indivíduo que surge nos primórdios de sua vida a partir das necessidades básicas não atendidas (Young et al., 2008), os resultados de todas essas pesquisas relacionando EIDS ou DE com temas/amostras implicam em contribuições clínicas importantes para a TE assim como um próprio desenvolvimento e compreensão das populações pesquisadas, podendo perceber-se interações entre a o padrão familiar e como a falta de certa necessidade básicas podem predispor indivíduos a certos problemas.

Observou-se que para além das 9 pesquisas que buscaram fazer correlações entre EIDs/DE, há muitas pesquisas bibliográficas com o objetivo de compreender algum fenômeno a partir da perspectiva da TE. Encontramos 6 pesquisas de levantamento que conseguiram concluir seus estudos fazendo análises a partir do que foi publicado na literatura a respeito da TE (Bohn et al., 2018; Cardoso et al., 2019; Jager & Macedo, 2018; Mansano & Szupzynski, 2020; Matos et al., 2018; Silva & Laport, 2019). A respeito das pesquisas realizadas nesse formato, podemos discutir o estudo de Mansano e Szupzynski (2020), que buscou compreender quais correlações existem entre os EIDs e o consumo de álcool a partir de uma revisão de literatura sistemática dentre os anos de 2010 a 2020, buscando os artigos nas plataformas Scielo, PePSIC, LiLaCs e PubMed. Os autores analisaram 5 artigos e concluíram que há uma grande escassez de artigos sobre a temática, em especial no Brasil, e os EIDs que influenciam no

consumo de álcool diferem de acordo com as características das amostras. O estudo de Cardoso et al. (2019) possui características muito semelhantes a esse estudo, entretanto possui resultados diferentes, apontando que os esquemas de autocontrole/autodisciplina insuficientes, autossacrifício, abandono/instabilidade e padrões inflexíveis foram os que apareceram com mais frequência nos estudos analisados pelos autores. Entretanto, o artigo de Maciel et al. (2013) sobre a mesma temática, demonstram resultados que indicam divergências em relação a um perfil específico de EIDs para esses pacientes, conclusão que está na mesma direção da pesquisa de Mansano e Szupzynski (2020). Existem muitas possibilidades de fatores que influenciem a divergência de resultados de EIDs em uma mesma amostragem. Uma das limitações em potencial de questionários e escalas, principalmente quando são utilizadas de maneira exclusiva sem uma análise qualitativa no processo, é a de implicar um risco de viés nos resultados, uma vez que, as respostas são subjetivas e os participantes da pesquisa podem fazer estimativas errôneas de seus comportamentos, assim como podem responder de acordo com o que acreditam que o pesquisador deseja escutar ou encontrar, fenômeno conhecido como desejabilidade social (Almiro, 2017).

Em relação as pesquisas realizadas a partir de levantamento bibliográfico, que é o método das 5 pesquisas citadas anteriormente, percebe-se a importância que possuem, visto que a TE surgiu em 1990, sendo bem recente, e portanto, esses estudos conseguem compilar os resultados encontrados sobre determinadas amostragem, assim como criar um panorama do que é estudado e quais resultados foram obtidos nessas pesquisas, criando direcionamentos futuros para a TE assim como contribuições clínicas importantes.

É possível notar que os autores também buscaram analisar ou propor em suas pesquisas protocolos e instrumentos voltados a TE. Percebe-se que 4 pesquisas possuem enquanto objeto de estudo protocolos ou instrumentos, chegando a resultados de tradução e evidência de validade de instrumentos da TE, proposta de protocolo psicoterápico e análise de roteiro de entrevista (Camilo et al., 2018; Matos & Lopes, 2017; Matos et al., 2020; Santos et al., 2021).

Uma pesquisa nesse formato que podemos discutir é a de Matos et al. (2020) cujo estudo busca examinar as evidências de validade de conteúdo do SMI e realizar a tradução do instrumento através do método de análise de juízes ou prova de juízes, participando oito especialistas da área da TE, que responderam a um instrumento que investiga o Coeficiente de Validade de Conteúdo e outro que realiza a Análise de Concordância Kappa; concluindo que, considerando o viés semântico, grande parte do instrumento mede o que sugere medir, possuindo então evidências de validade de conteúdo para o contexto brasileiro. Resultados semelhantes podem ser encontrados no estudo de revisão de literatura do SMI de Matos et al.

(2018) que obteve resultados de 36 estudos utilizando o SMI para avaliar algum tema e 9 estudos que utilizaram o SMI buscando sua validação. A análise desses 9 estudos conclui que o SMI, de maneira geral, possui boa confiabilidade e consistência interna. Considerando que esses estudos foram realizados em diversos países diferentes, como por exemplo Portugal, Holanda, Alemanha, Itália e Dinamarca, acredita-se que o número de pesquisas e a diversidade de nacionalidades sejam consideráveis para demonstrar robustez do SMI em relação a validade de seu conteúdo.

Pesquisas que buscam evidências de validade de instrumentos ou protocolos, (sendo citado anteriormente 4 artigos com esse objetivo que foram analisados nessa pesquisa) mostram-se extremamente relevantes para a TE e seus profissionais, que podem fazer uso de instrumentos como o SMI, ou protocolos psicoterápicos ou roteiros de anamneses como uma ferramenta clínica, assim, aprimorando a atuação e repertório dos terapeutas em TE. Não apenas, esses estudos mostram-se de grande relevância para criar oportunidade de pesquisas dentro do contexto nacional a partir da validação ou proposta de tais protocolos e instrumentos.

Cabe destacar a discussão da pesquisa de Camargos, Lopes et al. (2020), que dentre todos os 20 artigos analisados foi o único artigo que fez um estudo de caso e o único a investigar a temática de transtornos alimentares a partir da TE, tornando-se assim um artigo muito singular dentre todos investigados no corpo de análise por essa pesquisa, e por essa razão, este artigo não foi agrupado com nenhum outro como os outros 19 estudos citados anteriormente. O objetivo da pesquisa de Camargos, Lopes et al. (2020) é descrever o tratamento, baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente, de uma adolescente de 13 anos diagnosticada com Anorexia Nervosa, sendo utilizado técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental Clássica, Terapia Comportamental Dialética, Terapia de Reciclagem Infantil, TE, entre outras, o que gerou uma melhora do comportamento alimentar, do humor e da distorção de autoimagem, concluindo que há eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente para o tratamento de Anorexia Nervosa. É ressaltado pelos autores que as técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental Clássica não obtiveram sucesso satisfatório. Bandeira e Oliveira (2015), em sua pesquisa bibliográfica a respeito da eficácia de estratégias das terapias cognitivo-comportamentais de terceira onda e da terapia cognitivo-comportamental clássica no tratamento de anorexia nervosa, conclui resultados semelhantes ao artigo de Camargos, Lopes et al. (2020), cujos dados apontam que as evidências da terapia cognitivo-comportamental clássica são controversas no tratamento da anorexia nervosa e são questionadas, e por fim, os autores concluem que existe a possibilidade de ganhos terapêuticos

com a introdução de técnicas para desenvolver a capacidade de regulação emocional desses pacientes.

A Anorexia nervosa é uma patologia resistente a tratamentos e intervenções psicoterápicas (Bandeira & Oliveira, 2015) e, sendo assim, pesquisas como a de Camargos, Lopes et al. (2020) mostram-se de grande valor para a literatura, e igualmente, seu delineamento de estudo de caso gera contribuições clínicas importante para os profissionais que trabalhem com transtornos alimentares e/ou terapias de base cognitiva, visto que é analisado pelos autores a eficácia de diferentes técnicas psicoterápicas das terapias cognitivas de terceira onda, resultando na criação de um panorama de eficácia de técnicas cognitivos-comportamentais para essa patologia.

5 Considerações finais

Tendo em vistas os resultados obtidos nessa pesquisa, em relação a quais temáticas, objetivos e principais resultados os artigos chegaram, tentou-se criar um bom panorama do que tem sido estudado e publicado na TE nos últimos cinco anos, e, portanto, enquanto direcionamentos futuros, pode observar-se uma escassez de pesquisas publicadas em formato de artigo no Brasil nos últimos 5 anos utilizando outros instrumentos do Young exceto ao YSQ, por exemplo o SMI, o YCI, inventário de estilos parentais, dentre outros; assim como há muitas amostras populacionais/temáticas que não foram encontradas sendo pesquisadas por nenhum autor dentre as pesquisas em formato de artigo científico, como por exemplo pesquisas com idosos, transtornos do sono-vigília, transtorno bipolar, demência, esquizofrenia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtornos parafílicos, disfunções sexuais, dentre outras, e há poucas pesquisas que se preocuparam em fazer correlações com o conceito de modos de esquema, diferentemente dos EIDs que houveram diversas pesquisas interessadas em fazer correlações. Podemos observar que existem poucas pesquisas nos últimos 5 anos que fizeram estudo de caso, (apenas uma realizou) e nenhuma pesquisa buscou realizar um ensaio clínico randomizado ou uma meta-análise sobre a TE. Portanto sugere-se a realização de novas pesquisas dentro da TE com maior ênfase nas amostras populacionais/temáticas, conceitos, instrumentos e delineamentos destacados anteriormente visto a lacuna de literatura nacional em relação aos mesmos.

É importante destacar as limitações desse estudo e sugestões para futuras pesquisas. A primeira limitação diz respeito ao fato de não ter sido incluído teses e dissertações no corpo de análise, o que pode prejudicar um pouco no caráter de criar um panorama mais completo das

pesquisas realizadas em TE no Brasil. A segunda limitação diz respeito as estratégias de localização das referências, no qual poderia ter sido utilizado um maior número de plataformas para a busca, como por exemplo a LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e, portanto, pode existir artigos publicados nos últimos 5 anos que ficaram de fora do corpo de análise.

Referências

- Algarves, C. P. (2018). Esquemas iniciais desadaptativos de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo [Monografia, Universidade Federal do Maranhão]. Biblioteca Digital de Monografias da UFMA. <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2331>
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3), 01-04. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Bach, B., Lockwood, G., & Young, J. E. (2018). A new look at the schema therapy model: organization and role of early maladaptive schemas. *Cognitive behaviour therapy*, 47(4), 328–349. <https://doi.org/10.1080/16506073.2017.1410566>
- Bandeira, R. G., & Oliveira, C. T. (2015). Tratamento da anorexia nervosa nas terapias cognitivo-comportamentais de terceira geração. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 11(2), 105-112. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20150015>
- *Barbosa, T. P., Corrêa, M. A., Zimmer, M., & Paludo, S. S. (2019). Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 51-68. <https://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2982>
- *Berlitz, D., & Pureza, J. R. (2018). A relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 31-41. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180005>
- *Bohn, M., Berlitz, D., Oliveira, A., & Pureza, J. R. (2018). Sofrimento associado ao relacionamento conjugal: olhar da teoria do esquema. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 106-112. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180015>
- *Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. *Ciência & saúde coletiva*, 25(8), 3119-3130. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.24992018>
- *Borges, V. L., Lopes, E. J., & Lopes, R. F. F. (2018). Relações entre bullying e esquemas iniciais desadaptativos em estudantes universitários. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 57-64. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180008>
- Callegaro, M. M. (2005). A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 1(1), 09-20. <https://cdn.publisher.gn1.link/rbtc.org.br/pdf/v1n1a02.pdf>
- *Camargos, S. P. S., Lopes, R. F. F., & Bernardino, L. G. (2020). Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente para adolescentes com transtorno alimentar: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(2), 114-121. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200017>
- *Camargos, S. P. S., Montagnero, A. V., Lopes, R. F. F., & Lima, A. F. M. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos em pacientes pré e pós-bariátricos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(1), 34-41. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200006>

- *Camilo, I. C. R. R., Lopes, E. J., & Lopes, R. F. F. (2018). Terapia do esquema em grupo para crianças com transtornos disruptivos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 121-129. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180017>
- *Cardoso, C. O., Antunes, C., & Cunha, S. C. R. (2019). Esquemas desadaptativos e transtorno por uso de álcool: revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 15(1), 19-28. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20190005>
- Cazassa M., J., & Oliveira M., S. (2008). Terapia focada em esquemas: conceituação e pesquisas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(5), 187-195. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000500003>
- Diaz, K., & Murguia, E. (2015). The Philosophical Foundations of Cognitive Behavioral Therapy: Stoicism, Buddhism, Taoism, and Existentialism. *Journal of Evidence-Based Psychotherapies*, 15(1), 39-52. <https://philarchive.org/archive/DIATPF>
- Fontelles, M. J., Simões, M. G., Farias, S. H., & Fontelles, R. G. S. (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista paraense de medicina*, 23(3), 1-8. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf
- Giesen-Bloo, J., van Dyck, R., Spinhoven, P., van Tilburg, W., Dirksen, C., van Asselt, T., Kremers, I., Nadort, M., & Arntz, A. (2006). Outpatient psychotherapy for borderline personality disorder: randomized trial of schema-focused therapy vs transference-focused psychotherapy. *Archives of general psychiatry*, 63(6), 649-658. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.63.6.649>
- *Gusmão, E. É. S., Plutarco, L. W., Moura, D. P. F., Silva, C. L., & Meneses, G. O. (2017). Esquemas desadaptativos, ansiedade e depressão: proposta de um modelo explicativo. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(1), 29-38. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20170006>
- Jacob, G. A., & Arntz, A. (2013). Schema Therapy for Personality Disorders - A Review. *International Journal of Cognitive Therapy*, 6(2), 171-185. <https://doi.org/10.1521/ijct.2013.6.2.171>
- *Jager, M. E., & Macedo, J. C. (2018). Relação afetiva professor-aluno e esquemas iniciais desadaptativos em crianças pré-escolares. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 11-20. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180003>
- Knapp, P., & Beck, A. T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva [Cognitive therapy: foundations, conceptual models, applications and research]. *Revista brasileira de psiquiatria* 30(2), 54-64. <https://doi.org/10.1590/s1516-44462008000600002>
- Lockwood, G., & Perris, P. (2012). A new look at core emotional needs. In Vreeswijk, M., Broersen, J., & Nadort, M. (Eds.), *The Wiley-Blackwell handbook of schema therapy: Theory, research, and practice* (pp. 41-66). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781119962830.ch3>

- Maciel, L. Z., Tractenberg, S. G., Habigzang, L. F., & Wainer, R. (2013). Esquemas iniciais desadaptativos no transtorno por uso de álcool. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(2), 101-107. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20130014>
- *Mansano, F. S., & Szupzynski, K. P. D. R. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos e o consumo de álcool: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(2), 75-82. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200012>
- *Matos, F. R., & Lopes, R. F. F. (2017). Entrevista de anamnese da Terapia do Esquema para criança: análises e reflexões. *Perspectivas Em Psicologia*, 21(1), 132-157. <https://doi.org/10.14393/PPv21n1a2017-09>
- *Matos, F.R., Rossini, J. C., & Lopes, R. F. F. (2018). Schema Mode Inventory (SMI): revisão de literatura. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 95-105. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180014>
- *Matos, F. R., Rossini, J. C., Lopes, R. F. F., & Amaral, J. D. H. F. (2020). Tradução, adaptação e evidências de validade de conteúdo do schema mode inventory. *Psicologia: teoria e prática*, 22(2), 39-59. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n2p39-59>
- *Pressi, J., & Falcke, D. (2016). Influência da família de origem nos domínios de esquemas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(2), 73-82. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20160013>
- *Santos, M. B., Machado, W. L., Heinen, M., & Oliveira, M. S. (2021). Evidências de validade do inventário de evitação de Young-Rygh (YRAI) para a população do Rio Grande do Sul. *Psicologia: teoria e prática*, 23(1), 01-22. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE13366>
- *Silva, G. C. F. O., & Laport, T. J. (2019). Machismo: fruto de esquemas desadaptativos. *Revista Mosaico*, 10(1), 20-28. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i1.1758>
- Souza, M. T., Silva, M. D., Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- *Squefi, M., & Andretta, I. (2016). Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas: pais e mães. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(2), 83-90. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20160014>
- Tonelli, M. J., & Zambaldi, F. (2020). Pesquisa em tempos de pandemia. *Revista de Administração de Empresas*, 60(2), 82-83. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200201>
- *Vargas, L., & Pureza, J. R. (2019). Esquemas iniciais desadaptativos e ajustamento diádico na conjugalidade. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 15(1), 75-83. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20190011>
- Wainer, R., Paim, K., Erdos, R., & Andriola, R. (2016). Terapia Cognitiva focada em esquemas Integração em psicoterapia. Artmed.
- Young, J. E. (2003). Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas (3a ed.). Artmed

Young, J. E., Klosko, J., & Weishaar, M. (2008). *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Artmed.

Apêndice A

Tabela 2

Planilha completa dos resultados

Nº	Título	Autores	Periféricos	Ano	Amostra	Instrumentos	Localidade	Tratamento dos dados	Objetivos	Resultados
1	Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal	Baldosa et al.	Revista de Psicologia da IMED	2019	18	YSQ-53	Santa Maria/RS	Quantitativo	Identificar os domínios esquemáticos e tipos de violência sofrida entre mulheres em situação de violência que buscaram atendimento em uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), localizada em Santa Maria	Os domínios Supervigilância/Inibição e Desconhecimento tiveram os dois maiores escores.
2	Arelação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos	Bettie e Fureza	Revista Brasileira de Terapias Cognitivas (RBTC)	2018	80	EMRI YSQ-52	Dos Imbaçó/RS	Quantitativo	Investigar se há relação entre os esquemas iniciais desadaptativos e a empatia em estudantes universitários	Os resultados obtidos apresentaram 22 correlações entre esquemas iniciais desadaptativos e construtos da empatia, indicando que há relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos.
3	Sofrimento associado ao relacionamento sexual, além da Teoria do Esquema	Bohm et al.	RBTC	2018	-	-	Novo Hamburgo/SP	-	Investigar a busca de tratamento clínico associada ao sofrimento na relação conjugal sob a ótica da Teoria do Esquema.	Os resultados da análise de conteúdo indicaram 3 categorias: investigação no vínculo conjugal, dependência emocional, culpa, competência cognitiva, culpa, responsabilidade, divórcio sobre a relação conjugal e violência conjugal.
4	Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência	Borges e Dell'Aglio	Ciência & Saúde Coletiva	2020	525	CADRI DECA EMI	Porto Alegre/RS	Quantitativo	Investigar a associação entre os EIDs e a perpetuação de violência física no namoro em adolescentes.	Os EIDs do domínio de Desencanto e Rejeição foram considerados mediadores entre a exposição aos maus tratos e a violência no namoro na adolescência, sendo que este modelo se mostrou mais adequado ao sexo feminino.
5	Relações entre bullying e Esquemas Iniciais Desadaptativos em estudantes universitários	Borges et al.	RBTC	2018	238	EVB YSQ-52	Uberlândia/MG	Quantitativo	Aprofundar os conhecimentos sobre o fenômeno bullying em universitários e a sua relação com os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).	Indicaram correlações positivas entre bullying e os EIDs nos diferentes cursos pesquisados, com exceção da Pedagogia. Conclui-se que o bullying em interação com aspectos da personalidade (EIDs) pode aumentar o sofrimento psíquico do indivíduo, ou mesmo desencadear possíveis quadros psicopatológicos, como ansiedade e depressão.
6	Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente para Adolescentes com Transtorno Alimentar: Um Estudo de Caso	Camargo, Lopes et al.	RBTC	2020	-	-	Uberlândia/MG	-	Descrever o tratamento baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente (TCCM), de uma adolescente de 13 anos diagnosticada com Anorexia Nervosa.	As técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental Clássica não obtiveram sucesso satisfatório, em parte devido a seu caráter lógico-dedutivo, que parece ter gerado desmotivação. Dessa forma, a Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente se mostra um instrumento importante e adequado para o tratamento de transtorno psicológico, sobretudo o transtorno alimentar.
7	Esquemas Iniciais Desadaptativos em Pacientes Pré e Pós-Balísticos	Camargo, Montenegro et al.	RBTC	2020	30	YSQ-52	Uberlândia/MG	Quantitativo	Avaliar os EIDs predominantes em pacientes balísticos, incluindo aqueles indicados a passar pelo procedimento e os que não o realizaram.	O EID que apresentou maior pontuação média foi o auto-sacrifício ($n=4/21$), enquanto a menor pontuação foi no esquema de devedoridade/vingança ($n=1/6$).
8	Terapia do esquema em grupo para crianças com transtornos disruptivos	Camilo et al.	RBTC	2018	-	-	Uberlândia/MG	-	Propor um modelo psicoterápico em grupo para crianças com diagnóstico de transtornos disruptivos na abordagem da Terapia Cognitiva Focada no Esquema (TCFE).	O protocolo descrito sugere uma intervenção em grupo para crianças com transtornos disruptivos, cuja duração pode variar de 9 a 26 sessões, organizado em 5 encontros e três fases, tendo atividades previamente definidas para alcançar os objetivos esperados em cada um.
9	Esquemas desadaptativos e transtorno por uso de álcool: revisão sistemática	Cardoso et al.	RBTC	2019	-	-	Porto Alegre/RS	-	Verificar se há relação entre os EIDs e o transtorno por uso de álcool	Os esquemas de autocontrole/desdisciplina insuficientes, auto-sacrifício, abandono/instabilidade e padrões inefetivos foram os que apresentaram com mais frequência nos estudos analisados.
10	Esquemas desadaptativos, ansiedade e depressão: proposta de um modelo explicativo	Guimarães et al.	RBTC	2017	408	EADS YSQ-52	Fortaleza/CE	Quantitativo	Identificar quais esquemas desadaptativos contribuem para explicação da condição de apresentar sintomas ansiosos ou depressivos	O esquema desadaptativo de Fraçoço apresenta a maior probabilidade de prever o pertencimento ao grupo de maior pontuação em ansiedade, ao passo que, para a depressão, além do esquema Fraçoço, o esquema Abandono também foi significativo.

Nº	Título	Autores	Periódicos	Ano	Amostra	Instrumentos	Localidade	Tamanho dos dados	Objetivos	Resultados
11	Relação Afetiva Professor-Aluno e Esquemas Iniciais Desadaptativos em crianças pré-escolares	Jager e Macedo	RBPTC	2018	2	-	Santiago/RS	Qualitativo	Objetivo é discutir de que forma o professor, na relação afetiva e no lugar de figura de apego, pode influenciar na construção de esquemas iniciais e modelos de funcionamento interno da criança pré-escolar.	As professoras assumem uma função importante para a mudança de comportamentos na escola a partir da relação afetiva e de apego que desenvolvem com seus alunos, tendo a possibilidade de prevenir a formação dos EIDs.
12	Esquemas Iniciais Desadaptativos e o Consumo de álcool: Uma Revisão Sistemática	Marciano e Stupnick	RBTC	2020	-	-	Dourados/MS	-	Verificar os achados relacionados ao tema e compreender quais correlações existem entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos e o consumo de álcool.	Foram encontrados poucos artigos na temática, principalmente no Brasil. Os estudos convergem em diversos pontos, não apenas na análise de Esquemas e as hipóteses iniciais que estes possam exercer no consumo de álcool.
13	Entrevista de anamnese da Terapia do Esquema para crianças: Análises e reflexões	Matos e Lopes	Perspectivas em Psicologia	2017	-	Protocolo anamnese de Loose	Uberlândia/MG	-	Analisar as características do roteiro de entrevista semi-estruturada (anamnese), elaborada por Loose (2011)	O roteiro permite hipotetizar a presença de EIDs, esquemas geracionais e modos de esquemas tanto nas crianças em seus primeiros anos de vida, como dos pais nesse mesmo período.
14	Schema Mode Inventory (SMI): Revisão de literatura	Matos et al.	RBTC	2018	-	-	Uberlândia/MG	-	Realizar uma revisão de literatura sobre o SMI tendo como enfoque a sua validação e utilização.	Observou-se através da revisão que com o decorrer dos anos, há uma crescente utilização e validação do instrumento em diversos países, ainda não havendo estudos empíricos realizados no Brasil.
15	Tradução, adaptação e evidências de validade de conteúdo do Schema Mode Inventory	Matos, et al.	Psicologia: Teoria e Prática	2020	-	SMI - Versão reduzida	Viçosa/ES	-	Realizar a tradução e apresentar as evidências de validade de conteúdo do instrumento Schema Mode Inventory - versão reduzida, incluindo assim sua adaptação cultural.	Os resultados indicaram que, considerando o viés semântico, grande parte do instrumento mede o que se quer medir, possuindo então evidências de validade de conteúdo para o contexto brasileiro (CVC: de 0,56 a 0,99; Kappa médio geral: 0,74).
16	Influência da família de origem nos domínios de esquemas	Prezzi e Falcke	RBTC	2016	372	FBDQ YSQ-S3	Uberlândia/MG	Quantitativo	Verificar o poder preditivo das experiências na família de origem na ativação dos esquemas de cada um dos domínios.	Os resultados evidenciam que experiências da família de origem contribuem para a ativação de esquemas de cada domínio.
17	Evidências de validade do Inventário de Evitação de Young-Brighl (YFBI) para a população do Rio Grande do Sul	Santos et al.	Psicologia: Teoria e Prática	2021	-	YFBI-S3 SCL-90-R YFBI	Porto Alegre/RS	-	Investigar as evidências de validade da versão adaptada do Inventário de Evitação de Young-Brighl (YFBI) na população do Rio Grande do Sul.	A versão brasileira do YFBI possui propriedades psicométricas adequadas, sendo válida para a população em questão. Além disso, a interpretação da validade de construto mostrou-se consistente, com a teoria.
18	Machismo: fruto de esquemas desadaptativos	Silva e Laport	Revista Mosaico	2019	-	-	Vassouras/RJ	-	Reflexões acerca do machismo, considerando sua naturalização e reprodução ao longo do tempo e consequentes impactos na sociedade contemporânea, com base na perspectiva teórica de Aaron Beck e de Jeffrey Young.	Indica-se que o machismo pode ser o resultado de pelo menos um dos esquemas citados na obra de Young, sendo a estrutura de personalidade encorajada no terreno doméstico que é referente a questões de superioridade em relação a outros indivíduos, regras sociais e limites internos.
19	Esquemas Iniciais Desadaptativos e Habilidades Sociais Educativas: pais e mães	Squett e Andretta	RBTC	2016	154	YSQ-S3 IHSF-Pais	São Leopoldo/RS	Quantitativo	Identificar se os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e as Habilidades Sociais Educativas (HSE-P) diferem entre pais e mães.	Os resultados apontam que as mães apresentaram maiores escores nos EIDs de dependência/incompetência, emaranhamento, fracasso e auto-sacrifício e também se apresentaram mais habiliosas que os pais no fator total das HSE-P, em estabelecer limites e na comunicação com seus filhos.
20	Esquemas Iniciais Desadaptativos e Ajustamento Diádico na Conjugidade	Vargas e Fureza	RBTC	2019	77	EAD YSQ-S3	Novo Hamburgo/RS	Quantitativo	Estudar a relação entre os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e o ajustamento diádico na conjugidade.	Os resultados apresentaram 27 correlações entre EIDs e os fatores de EAD. Esses resultados indicam que há relação entre EIDs e o ajustamento diádico.

Apêndice B

Tabela 3

Lista de referências dos artigos analisados no corpo de análise da pesquisa

- (1) Barbosa, T. P., Corrêa, M. A., Zimmer, M., & Paludo, S. S. (2019). Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 51-68. <https://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2982>
- (2) Berlitz, D., & Pureza, J. R. (2018). A relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 31-41. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180005>
- (3) Bohn, M., Berlitz, D., Oliveira, A., & Pureza, J. R. (2018). Sofrimento associado ao relacionamento conjugal: olhar da teoria do esquema. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 106-112. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180015>
- (4) Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. *Ciência & saúde coletiva*, 25(8), 3119-3130. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.24992018>
- (5) Borges, V. L., Lopes, E. J., & Lopes, R. F. F. (2018). Relações entre bullying e esquemas iniciais desadaptativos em estudantes universitários. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 57-64. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180008>
- (6) Camargos, S. P. S., Lopes, R. F. F., & Bernardino, L. G. (2020). Terapia Cognitivo-Comportamental Multicomponente para adolescentes com transtorno alimentar: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(2), 114-121. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200017>
- (7) Camargos, S. P. S., Montagnero, A. V., Lopes, R. F. F., & Lima, A. F. M. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos em pacientes pré e pós-bariátricos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(1), 34-41. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200006>
- (8) Camilo, I. C. R. R., Lopes, E. J., & Lopes, R. F. F. (2018). Terapia do esquema em grupo para crianças com transtornos disruptivos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 121-129. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180017>
- (9) Cardoso, C. O., Antunes, C., & Cunha, S. C. R. (2019). Esquemas desadaptativos e transtorno por uso de álcool: revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 15(1), 19-28. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20190005>
- (10) Gusmão, E. É. S., Plutarco, L. W., Moura, D. P. F., Silva, C. L., & Meneses, G. O. (2017). Esquemas desadaptativos, ansiedade e depressão: proposta de um modelo explicativo.

Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 13(1), 29-38. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20170006>

- (11) Jager, M. E., & Macedo, J. C. (2018). Relação afetiva professor-aluno e esquemas iniciais desadaptativos em crianças pré-escolares. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 11-20. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180003>
- (12) Mansano, F. S., & Szupzynski, K. P. D. R. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos e o consumo de álcool: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(2), 75-82. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200012>
- (13) Matos, F. R., & Lopes, R. F. F. (2017). Entrevista de anamnese da Terapia do Esquema para criança: análises e reflexões. *Perspectivas Em Psicologia*, 21(1), 132-157. <https://doi.org/10.14393/PPv21n1a2017-09>
- (14) Matos, F.R., Rossini, J. C., & Lopes, R. F. F. (2018). Schema Mode Inventory (SMI): revisão de literatura. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 95-105. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180014>
- (15) Matos, F. R., Rossini, J. C., Lopes, R. F. F., & Amaral, J. D. H. F. (2020). Tradução, adaptação e evidências de validade de conteúdo do schema mode inventory. *Psicologia: teoria e prática*, 22(2), 39-59. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n2p39-59>
- (16) Pressi, J., & Falcke, D. (2016). Influência da família de origem nos domínios de esquemas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(2), 73-82. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20160013>
- (17) Santos, M. B., Machado, W. L., Heinen, M., & Oliveira, M. S. (2021). Evidências de validade do inventário de evitação de Young-Rygh (YRAI) para a população do Rio Grande do Sul. *Psicologia: teoria e prática*, 23(1), 01-22. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE13366>
- (18) Silva, G. C. F. O., & Laport, T. J. (2019). Machismo: fruto de esquemas desadaptativos. *Revista Mosaico*, 10(1), 20-28. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i1.1758>
- (19) Squefi, M., & Andretta, I. (2016). Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas: pais e mães. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(2), 83-90. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20160014>
- (20) Vargas, L., & Pureza, J. R. (2019). Esquemas iniciais desadaptativos e ajustamento diádico na conjugalidade. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 15(1), 75-83. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20190011>